

Augusto C. da Silva Telles

A biblioteca de Paulo Santos e o Paço Imperial

Separata da R. IHGB, Rio de Janeiro, 155(384): 574-578, jul./set. 1994.



9. A BIBLIOTECA DE PAULO SANTOS E O PAÇO IMPERIAL

Augusto C. da Silva Telles

O Paço Imperial, desde sua fundação, ocupou e vem ocupando espaço marcante no panorama cultural da cidade.

Dentre suas iniciativas e atividades, destaca-se a que ora se realiza, qual seja a inauguração, em uma de suas alas, da biblioteca que pertenceu a Paulo F. Santos, por ele doada ao **SPHAN/Fundação Pró-Memória**, do qual é herdeiro o **atual IBPC**. Tal ato lúcido de doação, para sua instalação no Paço Imperial, foi iniciativa, junto ao Mestre, dos colegas Fernando **Burmeister** e Alfredo Brito, apoiados por Glauco Campeio, então Diretor Regional da área do Rio de Janeiro, na época sediada no Paço.

Muito agradeço à Administração do Paço e, em especial a Lauro Cavalcanti, assim como aos familiares de Paulo Santos (Roberto Thompson Motta e Sérgio Santos), o convite para falar ao público presente, amigos, antigos alunos, colegas e familiares de Paulo Santos, neste dia da inauguração.

O Professor e Arquiteto Paulo F. Santos, que faleceu há cinco anos, com oitenta e quatro anos, deixou uma lacuna na vida cultural brasileira, e na do Rio de Janeiro em particular, difícil de ser preenchida. Representou o Mestre para toda uma geração de **arquitetos** que o seguiam e o respeitavam durante o período de formação acadêmica e que, depois, continuavam a acompanhar em suas pesquisas, aulas, palestras e cursos pois, mesmo aposentado, não se recusava a atender a solicitações de entidades culturais ou a grupos interessados em ouvir seus ensinamentos.

Formou-se **engenheiro-arquiteto** pela então Escola Nacional de Belas Artes, em 1926, e pouco depois fundou, com seu colega Paulo Pires, a firma Pires & Santos, responsável pela concepção e pela construção de inúmeras casas e edifícios, principalmente no Rio, firma essa que se encontra ativa até os dias presentes.

Foi professor da disciplina «Construção Civil e **Arquitetura**» na Escola Nacional de Engenharia, de 1934 a 38, e da Escola Técnica do Exército, de 1934 a 49, onde ministrou diferentes disciplinas, relacionadas com a construção civil.

Com a transformação do Curso de Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes em Faculdade Nacional de Arquitetura, foi o Professor Paulo Santos convidado, em 1946, a ministrar uma disciplina inovadora, *Arquitetura no Brasil*, até então inexistente. Sua competência, cultura e dedicação como professor eram evidentes para seus alunos que, já em 1947, quando pela primeira vez ministrou o curso, escolheram-no Paraninfo; fato que se repetiu por diversas outras vezes.

Em 1950, prestou concurso para a cátedra, apresentando como tese o estudo sobre *Arquitetura Religiosa em Ouro Preto*, quando realizou, pessoalmente, com o auxílio de sua mulher, Maria Amélia Motta Santos, levantamento de todas as igrejas e capelas ouropretanas. Na mesma ocasião, publicou outro estudo, *O Barroco e o Jesuítico na Arquitetura do Brasil*.

Em suas aulas, Paulo Santos seguiu, inicialmente, um programa que lhe havia sido apresentado pela Congregação da Escola. Logo a seguir, no entanto, em 1956, reformulou por completo o programa, no sentido de ser a arquitetura estudada no contexto **sócio-político-econômico** dos sucessivos períodos diferenciados da história brasileira, assim como a partir das influências externas e autóctones que, ao correr do tempo, nela interferiram.

Em 1960, atendendo a pedido dos alunos, novamente reformulou o programa, ocasião em que dividiu o curso em dois segmentos que foram sendo dados concomitantemente: o **primeiro**, abordando a arquitetura tradicional e suas raízes históricas (séculos XVI a XIX), e o segundo, a arquitetura contemporânea e suas raízes históricas (século XX). Tomou para si este último, deixando o primeiro sob a responsabilidade de seus auxiliares, João Henrique Rocha e eu próprio e, pouco depois, Dora Alcântara. Na ocasião, redigiu este novo curso, publicando-o, em 1955 e 56, em números sucessivos da revista *Habitat*, de Pietro Maria Bardi. Em 1960, esse texto foi publicado, como livro, pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais.

Em 1969, pouco antes de se aposentar, dedicou-se Paulo Santos à Comissão de **Reestruturação** do Ensino de Arquitetura, quando da Reforma Universitária. Por meses sucessivos, foi o principal participante de uma comissão composta de professores e alunos, da qual resultou extenso e meticuloso documento, de que foi o Relator. Esse relatório propunha a adoção de uma série de inovações, como a criação de ateliês e de laboratórios, nos quais os alunos trabalhariam e para os quais as disciplinas (que substituíam, com a reforma, as antigas cátedras) integrar-se-iam, no sentido de conferir maior **unidade e articulação** ao ensino da arquitetura. Lamentavelmente, essas propostas **não** foram consideradas e levadas a sério pela Direção da época e pelas que **não** sucederam.

Essa **dedicação** à criação de uma estrutura, sempre renovada, para a disciplina da qual era responsável, e o fato de se empenhar intensamente por modernizar o ensino de **arquitetura** — procurando tirá-lo do marasmo de uma tradição mal compreendida — mostra o Paulo Santos que, em todas as atividades a que se dedicou e de que assumiu responsabilidade, sempre procurou fazer o melhor, para alcançar a perfeição, que era seu escopo.

Assim ocorreu com os trabalhos de pesquisa da história da arquitetura, dos que fizeram arquitetura, no passado e no presente.

Por ocasião do quarto centenário do Rio de Janeiro, pronunciou uma palestra em curso promovido pela então Universidade do Brasil, sobre arquitetura e urbanismo, palestra que ele, em seguida, redigiu e que resultou em extensa monografia, *Quatro Séculos de Arquitetura na Cidade do Rio de Janeiro*, constituindo-se, praticamente, em metade do livro então editado. *Quatro Séculos de Cultura (1966)*. Esse texto foi posteriormente publicado pela Universidade de Barra do **Pirai** e, em **1981**, pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil. Na mesma ocasião, 1965, foi responsável por um fascículo sobre *Urbanismo e Arquitetura*, da série editada pelo *Jornal do Brasil*.

Dois trabalhos notáveis, fundamentais para o estudo da arquitetura e do urbanismo do Brasil pretérito, foram apresentados como Comunicações ao V Colóquio de Estudos **Luso-Brasileiros**, realizado em Coimbra, em 1966. Esses trabalhos, publicados nas Atas e em Separatas — «Contribuição ao estudo da Arquitetura da Companhia de Jesus em Portugal e no Brasil» e «Formação de cidades no Brasil Colonial» — resultaram de pesquisas e análise crítica de extensa bibliografia consultada, além de serem fruto de discussões e troca de correspondência com os que, na ocasião, se **projetavam** na pesquisa e na história da arte em todo o mundo: Rodrigo M. F. de Andrade, Mário Barata, **Clarival Valladares**, Lucas **Meyerhoffer**, Américo **Simas**, Luiz Saia, Edgard Graeff, no Brasil; **Germain Bazin**, na França; **Robert Smith**, nos Estados Unidos; Mário Chicó e Jorge Pais da **Silva**, em Portugal; Mário Buschiazzo, na Argentina e Graziano **Gasparini**, na Venezuela, entre outros.

Todos os que com Paulo Santos conviveram, têm do amigo e mestre a noção clara de uma pessoa afável, sempre pronta para um auxílio, para um apoio, um esclarecimento, um conselho. Além disso, podiam contar com o enriquecimento constante, por suas informações, seus comentários, análises e críticas, da arquitetura do passado e do presente, em dia que estava, sempre, com a produção cultural e com a crítica mais **atualizada**.

A procura da perfeição, da complementação constante de seus trabalhos, nunca julgando que seus estudos estivessem prontos para ser editados, é responsável pelo grande número de pesquisas e de estudos que não chegaram a ser dados por concluídos. Um extenso trabalho sobre engenheiros, **arquitetos**

e mestres que exerceram atividades em Portugal e no Brasil — iniciado como Comunicação ao Colóquio **Luso-Brasileiro** de Salvador — estava sendo alterado e enriquecido por Paulo Santos, até poucos meses antes de sua morte. O mesmo podemos dizer do estudo sobre Arquitetura Contemporânea no Brasil, que teve origem em duas palestras em Porto Alegre, sobre Lúcio Costa e seu papel na reformulação da arquitetura do Brasil, a convite da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; ou ainda outro estudo, sobre Varnhagen, crítico de arte, oriundo de uma palestra no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Assim como esses, poderíamos citar muitos outros, inéditos até hoje, pois seu autor julgava-os sempre inacabados.

Estes trabalhos, extensos, metuculosos na sua pesquisa e bibliografia, participam desta doação, fazem parte de sua biblioteca, ora inaugurada. Cabem, assim, ao Paço Imperial e ao Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural, as medidas necessárias a uma análise detida desses originais, visando sua divulgação, sua publicação, para enriquecimento da cultura de nosso País.

Essa busca do perfeito, essa dedicação a todas as tarefas a que se impunha, pode ser comprovada, por exemplo, por sua **atuação** no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual era Sócio Benemérito, e ao qual se dedicou por vários anos, no sentido de, auxiliando Pedro Calmon — seu Presidente — a dar prosseguimento e terminar as obras da sede, estagnadas havia vários anos, praticamente em seu início. Toda uma experiência de **arquiteto-construtor** foi posta por ele à disposição daquela Instituição, até que o prédio ficasse totalmente concluído e equipado.

O mesmo podemos dizer de sua atuação como Membro do Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, para o qual foi nomeado em **1955**. Até se afastar por doença, foi relator constante de processos, os mais difíceis e **delicados**, como, entre muitos, o do Parque do Flamengo, dos conjuntos urbanísticos e paisagísticos de Olinda, Vassouras e do Serro, e do conjunto de edificações da Avenida Rio Branco.

Paulo Santos foi um mestre entre mestres, de nível internacional, relacionando-se com os mais conceituados críticos e historiadores de arquitetura, de diferentes países, mas, ao mesmo tempo, foi o amigo, o colega, o pai de muitos dos que com ele trabalhamos ou nos relacionamos como alunos, como colegas, no mesmo interesse pela história da arquitetura e do urbanismo, e sua evolução no mundo e no Brasil. Sua falta representa uma perda difícil de ser recuperada, mas um grande estímulo para todos nós, no sentido de procurar, ao menos de longe, seguir seu exemplo de probidade, dedicação, colaboração e interesse por tudo quanto era levado a seu conhecimento. Estímulo, enfim, a darmos continuidade a seus estudos e pesquisa, e a nos dedicarmos a conseguir publicar seus estudos inéditos, fundamentais à cultura brasileira.

Esta biblioteca é, em parte, sua presente no meio de nós. Ela é pluridisciplinar, com interesses os mais amplos, como eram os de Paulo Santos. Abrange, assim, **literatura, notadamente** a francesa do final do dezenove e da viragem do século, mas também a brasileira e a portuguesa; abriga obras de **referência**, livros técnicos de engenharia e construção, e tem seu núcleo principal nas áreas de história da arte, **arquitetura** e urbanismo. Ênfase é dada às épocas do Renascimento, do Barroco, século XIX e à era contemporânea. Igualmente, há uma concentração nos temas referentes à arquitetura e às artes na Espanha, em Portugal e no Brasil. O setor de arquitetura e urbanismo dos dias presentes é muito bem representado no acervo. Paulo Santos interessou-se, sempre, pelas realizações da **atualidade**, interesse esse que permaneceu, até poucos anos antes de falecer.

A presença desta biblioteca no Paço Imperial é uma conjugação feliz. Sua localização em um edifício de alto valor histórico e **arquitetônico** e que, ao mesmo tempo, por sua localização, participa do novo centro cultural da cidade, propiciará o atendimento mais amplo a pesquisadores e estudiosos nas áreas das artes, da arquitetura, do urbanismo, da história e, de uma forma geral, da cultura, no Brasil, em nosso tempo.

